



DUAS VIDAS PELA BIODIVERSIDADE

Thomas Lovejoy e Edward Wilson são referências indelévels no que diz respeito à importância da natureza e sua conservação

Maria Guimarães

As más notícias começaram no Natal: em 25 de dezembro morreu, aos 80 anos, em consequência de um câncer pancreático, o biólogo norte-americano Thomas Lovejoy, que se dedicou a estudar a Amazônia e a defender a preservação da diversidade biológica. O termo foi cunhado por ele em colaboração com o conterrâneo Edward O. Wilson, também biólogo e morto no dia seguinte aos 92 anos, por uma perfuração no pulmão.

“Eu me lembro, devia ser 1975 ou 1976, da primeira vez que encontrei Ed Wilson”, contou Lovejoy, que era da Universidade George Mason, nos Estados Unidos, em entrevista a *Pesquisa FAPESP* em 2015. “Almoçamos juntos e falamos sobre diversidade biológica, mas não tínhamos o termo. Discutimos onde o

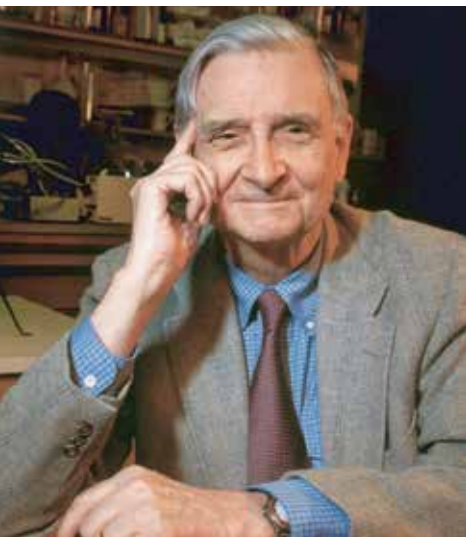
Fundo para a Natureza [WWF] deveria se concentrar e concordamos que deveria ser nos trópicos, porque há mais espécies lá do que no Alasca, por exemplo. Era biodiversidade pura. Eu usei o termo em 1980, Ed Wilson usou mais para o fim do ano e depois muitas outras pessoas começaram a usar.”

Lovejoy conheceu a Amazônia em 1965, no doutorado, uma relação que duraria o resto da vida. “Era como se eu tivesse morrido e chegado ao Paraíso”, disse, na mesma entrevista. Na segunda metade dos anos 1970 ele propôs ao Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia (Inpa) um projeto de longo prazo. O climatologista Carlos Nobre, à época no Inpa como engenheiro eletrônico recém-formado, foi testemunha. “Tom teve a brilhante ideia de acompanhar o efeito

do desmatamento que os fazendeiros estavam prestes a iniciar em torno da construção da BR-174”, lembra, referindo-se à rodovia que liga Manaus a Boa Vista, em Roraima. “Ele queria saber a área necessária para manter a biodiversidade.” Depois batizada como Projeto Dinâmica Biológica de Fragmentos Florestais (PDBFF), a iniciativa mostrou que um fragmento de 100 hectares não é suficiente para manter uma onça e perde a metade das espécies de aves em menos de 15 anos – os efeitos da degradação tornam a floresta incapaz de sustentar esses animais. Esse conhecimento norteou a criação de parques nacionais na região, que precisam ser muito grandes.

Havia poucos cientistas na Amazônia, era necessário trazer gente de outros estados e mesmo do exterior. À época

Lovejoy em 2012 e Wilson em 2003: legado fundamental na teoria e na prática da ciência ecológica



estudante de biologia na Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), Rita Mesquita soube do PDBFF em um congresso de zoologia no qual trabalhava como voluntária. O ornitólogo norte-americano Richard (Rob) Bierregaard, primeiro coordenador do projeto, tentava atrair pesquisadores e entregou um cartão de visita à jovem. Quando escreveu, Mesquita recebeu como resposta uma passagem aérea para Manaus. “Tom teve a visão de oferecer oportunidade para pessoas como eu, uma estudante treinada no Cerrado de Minas Gerais”, reflete. “É um legado que ele deixa.”

O biólogo norte-americano Mario Cohn-Haft foi um dos recrutados no exterior e chegou em 1987 ao Inpa – onde hoje é pesquisador – também como estagiário recém-formado. “No começo, Lovejoy era

o chefe que morava nos Estados Unidos e aparecia de vez em quando”, conta. Ao longo dos anos a relação virou amizade e motivação. “Ele inspirava as pessoas a focarem na busca do entendimento de como as coisas funcionam e a fazer um mundo melhor.” Segundo ele, hoje o Amazonas é um berço de cientistas, em grande parte graças ao PDBFF. Lovejoy planejou sua ausência criando o Centro de Biodiversidade da Amazônia, uma organização não governamental sediada nos Estados Unidos com a missão de captar recursos e manter o projeto em andamento.

Outros grandes projetos colaboraram com o PDBFF, como o Experimento Anglo-brasileiro de Observações Climáticas Amazônicas, que instalou em 1990 nas mesmas áreas duas torres – uma dentro da floresta e outra em área de pastagem – que ultrapassam a altura do dossel para fazer observações e coletar dados ambientais, meteorológicos e de interação entre a biosfera e a atmosfera. Essas medidas deram origem ao Experimento de Grande Escala da Biosfera-Atmosfera na Amazônia (LBA) a partir de 1999. “Unimos o conhecimento obtido pelo PDBFF com projeções de mudanças climáticas e pensar o que deveria ser feito para preservar a floresta”, conta Carlos Nobre, coordenador inicial dos dois projetos, à época no Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (Inpe).

Ele e Lovejoy escreveram dois editoriais para a revista *Science Advances*, em 2018 e 2019, alertando para o ponto de não retorno da Amazônia, que poderia ser atingido entre 20% e 25% de desmatamento, e buscando soluções.

Com a visão de que o conhecimento científico e os recursos humanos não são suficientes para preservar a Amazônia, Lovejoy se envolveu ativamente na política ambiental. Ele integrava o comitê estratégico do Painel Científico para a Amazônia, copresidido por Nobre, que lançou um detalhado relatório na mais recente conferência do clima, a COP26, na Escócia, no ano passado. “Tom fez um belíssimo trabalho, contávamos com ele para a continuidade”, lamenta o climatologista.

O botânico Carlos Alfredo Joly, da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), manteve com Lovejoy uma parceria longeva, como nas discussões para a elaboração da Convenção sobre Diver-

sidade Biológica (CDB), no âmbito da Conferência Rio-92. “Quando criamos na FAPESP o programa Biota, em 1999, Lovejoy fez uma fala por vídeo desejando sucesso e continuidade no médio e longo prazo”, lembra. Participações remotas não eram um feito trivial naquele tempo.

Eles ainda trabalharam juntos na construção da Intergovernmental Science-Policy Platform on Biodiversity and Ecosystem Services (IPBES), uma iniciativa internacional sobre biodiversidade, e no Post 2020 Biodiversity Framework, documento a ser aprovado na 15ª Conferência das Partes (COP) da CDB, reunião que, adiada por causa da pandemia, aconteceu parcialmente em 2021 e terá sua segunda parte em março. “Tom já estava abatido, mas contribuiu muito”, conta Joly. “Fará falta na negociação da nova estratégia para biodiversidade.”

Edward Wilson, que era aposentado pela Universidade Harvard, nos Estados Unidos, teve impacto político no tema da conservação principalmente por meio de sua obra teórica e de divulgação, na qual defendeu a conservação da natureza e construiu um pensamento que conclamou a junção entre ciências naturais e humanas (consiliência), e até a religião, na defesa da biodiversidade.

Desde criança ele se encantou pelo mundo das formigas e tornou-se especialista nas sociedades construídas por elas. A partir disso, com enorme talento para sínteses, construiu o campo que ficou conhecido como sociobiologia e causou polêmica ao incluir o ser humano entre os animais cujo comportamento está sujeito a pressões evolutivas. Essa percepção tornou-se a base para a área da ciência que depois ganhou o nome de ecologia comportamental. “A primeira vez que dei o curso sobre animais sociais foi no ano em que saiu o livro *Sociobiologia*, em 1975”, conta a zoóloga Vera Imperatriz Fonseca, da USP. “Estudamos os mecanismos ecossociais, era muito difícil e teve grande impacto.”

O biólogo Marcos Buckneridge, da USP, também ressalta a influência de Wilson e destaca um paralelo entre os dois pioneiros da biodiversidade. “Nesta era dos especialistas, é fundamental quando pesquisadores trazem a ciência para a esfera política”, afirma. “Lovejoy e Wilson fizeram isso, cada um à sua maneira.” ■

Leia versão maior no site.